

Entrevista com o Dr. José Cândido Bastos

Tema geral: A Formação dos Primeiros Psicanalistas Brasileiros no Século XX

Por André Mendonça

ANDRÉ MENDONÇA: Bom dia, Doutor José Cândido, muito obrigado por me receber, é uma honra poder conversar com o senhor. Começo com uma pergunta básica: como o senhor se tornou psicanalista?

DR. JOSÉ CÂNDIDO BASTOS: Através de minha história pessoal, de meus próprios sofrimentos neuróticos, para os quais não havia remédio: algumas fobias e um TOC. É preciso ser doido de saída, para adentrar na psicanálise. Por conta desses problemas, procurei ajuda de um amigo médico, que me indicou a psicanálise. Comecei, portanto, através da análise pessoal.

AM: O senhor era médico. Chegou a exercer a medicina? Como foi essa transição de médico para psicanalista?

DR. JCB: Sou hematologista e trabalhei durante anos no antigo Hospital do Pronto Socorro, atualmente Hospital Souza Aguiar. Quando decidi virar psicanalista, abandonei por completo a profissão médica, apesar de forte oposição familiar, principalmente do meu pai, que dizia ser o tratamento da alma uma incumbência divina.

AM: Quais foram suas maiores influências?

DR. JCB: A primeira grande referência foi o Doutor Leme Lopes, catedrático da UFRJ, antiga Universidade do Brasil. Apesar de católico fervoroso e de nunca ter sido psicanalista, foi ele quem promoveu a primeira aproximação entre psiquiatria e psicanálise no Rio de Janeiro, ao criar, no IPUB, o Setor de Pesquisa Psicanalítica, um setor de introdução à psicanálise dentro da psiquiatria clássica. Aprendi muito como o Dr. Leme Lopes e me orgulho de ter-lhe ensinado uma única coisa.

AM: Que coisa?

DR. JCB: Que é muito importante ter o consultório perto da própria casa, principalmente por causa do trânsito.

AM: Havia muito engarrafamento já naquela época?

DR. JCB: Não, mas os motoristas de lotação eram terríveis (*risos*).

AM: E o que o senhor acha da viabilidade da psicanálise dentro de um hospital psiquiátrico?

DR. JCB: É inviável. São dois métodos que não se encaixam. Apesar disso, aprendi bastante e vivi boas histórias ao trabalhar nesse Setor, que era coordenado pelo Dr. Walderedo Ismael de Oliveira.

AM: O senhor pode contar uma dessas histórias?

DR. JCB: Eu era ainda muito jovem e inexperiente e tentava a todo custo inserir a psicanálise naquele espaço. Certa vez, tentei atender um paciente no pátio do hospital, mas ele não sentava para conversar e toda hora saía de perto. Fiquei

esperando, quando passou o dr. Portela Nunes e perguntou a um enfermeiro que observava: “O que o Dr. José Cândido está fazendo ali?”, “Psicanálise”, respondeu o enfermeiro. “E o paciente, onde está?”, “Em cima da árvore”.

AM: E o dr. Walderedo, foi também uma forte influência?

DR. JCB: Sem dúvida. Inclusive foi ele meu analista. Com ele fiz análise terapêutica por quatro anos e meio. Após isso, minha análise virou institucional, análise de formação.

AM: E como foi essa mudança?

DR. JCB: Um análise terapêutica é uma relação como qualquer outra relação médico-paciente. Já uma análise didática, queiram ou não o analista e o paciente, sofre muita interferência da instituição, à qual o analista pertence e da qual o paciente deseja tornar-se membro. A instituição é como uma terceira pessoa impondo suas regras: o número de sessões, o tempo de análise, a frequência semanal. Essa interferência torna a análise didática menos sadia mentalmente, mas é um mal necessário, é inevitável. Junto a isso, o preço uma análise didática, por ter esse componente de ensino, é mais caro.

AM: O senhor fez parte da primeira turma de alunos da SBPRJ, da qual o dr. Walderedo foi da primeira leva de professores. Esses professores, onde eles fizeram a formação deles?

DR. JCB: Alguns na Inglaterra, com Melanie Klein, Winnicot, Ernest Jones, dentre outros. Outros analistas sêniores, como o Walderedo, fizeram a formação em Buenos Aires, com a Marie Langer. É como se o Walderedo fosse meu pai e Marie Langer minha avó. Tenho uma ótima história para contar sobre o dr. Walderedo. Ele vivia me dizendo que tudo que eu falava era “resistência interna”, tudo era o diabo da “realidade interna”. Se o ônibus quebrasse, lá vinha a tal da realidade interna. Até que um dia, chegando ao consultório dele em Copacabana para uma sessão de análise, vejo o carro dele batido num ônibus e num poste. Subi ao consultório e, depois daquele clássico silêncio inicial, nesse dia um pouco maior, virei para ele e disse: “hoje a realidade interna te deu uma pancada lá fora!” (*risos*). Depois virei muito amigo do Walderedo. Aliás, muitos pacientes meus viraram meus amigos após a análise, embora no começo a distância entre analista e paciente seja tecnicamente necessária. Afinal de contas, é uma relação unilateral.

AM: E o contato com a obra de Freud, como foi? Quais de seus textos o senhor considera mais importantes?

DR. JCB: Tive um contato tardio com Freud e tenho por ele profundo respeito. E, sem dúvida, o livro mais importante é a reunião de suas correspondências com Fliess, livro profundamente desprezado, ignorado, até hoje, pela grande maioria dos psicanalistas.

AM: E por que isso acontece?

DR. JCB: Porque os psicanalistas tem medo das loucuras do Freud, e é ali que ele se revela muito neurótico e faz sua análise epistolar. Os psicanalistas não tem coragem de se dizerem a si próprios como um caso clínico. Há cerca de dez anos atrás, fui convidado para uma palestra na SBPRJ, que fica aqui na casa vizinha, e relatei um

caso clínico: o caso do Dr. José Cândido Bastos. Fui muitíssimo aplaudido. Além disso, nas correspondências com Fliess, Freud se revela como o primeiro neurocientista, o que é fascinante, tendo em vista que a neurociência é hoje o nosso maior avanço científico. Uma pena que o Jayme Salomão, que foi meu colega de turma, tenha perdido o direito de publicação dessa correspondência em português, hoje é um livro muito difícil de se achar.

AM: Que outros textos o senhor também citaria? Aliás, que outros autores posteriores a Freud são também importantes?

DR. JCB: Dos psicanalistas pós-freudianos poucos se salvam, talvez apenas Winnicott. O caminho agora é a neurociência. A grande maioria dos psicanalistas depois de Freud se enveredou no que chamo de o “charco da metapsicologia”, levaram muito a sério os textos metapsicológicos do Freud, que são simplesmente especulativos, meras fantasias sem comprovação científica, sem correspondência com as áreas cerebrais. Melanie Klein e Bion são quase completamente baseados nessas fantasias. Já Lacan abusa da filosofia e se distancia demais da medicina, ou seja, da ciência. Disso decorre essa enorme proliferação de sociedades psicanalíticas. Mas Freud tem também outros grandes textos. Moisés e o Monoteísmo, apesar de não ter nada a ver com psicanálise, é um grande livro.

AM: Sobre essa grande proliferação das instituições de psicanálise, como o senhor vê esse fenômeno?

DR. JCB: Hoje até bispo faz formação. Essas divergências todas são péssimas, fica cada psicanalista cuidando de seu “inferninho”. Como comparação, basta ver que existe no Rio de Janeiro apenas uma sociedade de cardiologia, ou de hematologia, ou de qualquer especialidade médica. Mas de psicanálise tem várias.

AM: No período em que havia poucas instituições, como era a relação entre os psicanalistas membros da SBPRJ e da SPRJ (então chamada Rio 1)?

DR. JCB: Bastante amistosa. É claro que havia arestas e divergências, mas no geral uma relação muito amistosa.

AM: O senhor pode citar uma dessas divergências?

DR. JCB: Por exemplo, a discussão entre o Waldemar Zusman e a Helena Vianna sobre a homossexualidade, que deixou de ser considerada uma doença no processo de construção do DSM-III. Isso foi muito discutido na época.

AM: O senhor considera que é necessário ser médico para tornar-se analista?

DR. JCB: Sim. O cérebro precisa ser estudado juntamente com todas as outras partes do corpo, senão ele não pode ser compreendido. E para compreender a psicanálise é preciso conhecer o cérebro. Os psicólogos não tem como dar conta desse estudo. Felizmente temos hoje condições de fazer exames minuciosos, mapeamentos milimétricos do cérebro.

AM: E na universidade, é possível haver transmissão de psicanálise?

DR. JCB: É impossível, porque não se pode obrigar ninguém numa universidade a fazer análise.

AM: Observo muitos livros de literatura na estante. Qual a importância da literatura para o estudo da psicanálise?

DR. JCB: Literatura é muito importante para se conhecer a História, mas não diretamente para a psicanálise. Por exemplo, os livros do Pedro Nava tem descrições belíssimas sobre a cidade do Rio de Janeiro, sobre a epidemia de gripe espanhola...

AM: Pedro Nava que também era médico.

DR. JCB: Sim, foi meu amigo bem próximo. Trabalhamos juntos no Hospital do Pronto Socorro, onde o Nava era clínico geral. Certa vez, lhe telefonei para perguntar o que ele achava da tradução que geralmente usávamos para a palavra alemã *Angst*: eu achava que *ansiedade* não a traduzia bem, daí pedi a opinião dele.

AM: Para encerrar, uma última pergunta: o senhor considera que a psicanálise, em algum momento da história, correu perigo de ser varrida do mapa?

DR. JCB: Desde sempre. Como lhe falei anteriormente, temos apenas uma Sociedade Brasileira de Cardiologia e inúmeras sociedades de psicanálise. Que ciência é essa que se pulveriza com tanta facilidade? Onde fica a verdade? Pode cada um ensiná-la à sua maneira? Dessa forma, é impossível atender a uma exigência médica, a uma exigência científica.

AM: O senhor acha que essa discussão se inclui no antigo debate entre ciência e religião?

DR. JCB: Sim. Ao meu ver, a alma é a atividade cerebral. Sem esse pressuposto, entramos no campo da crença. Mas com a neurociência, este será o século da verdade da alma, da alma científica, tal como o século passado foi o século do genoma.

AM: E como os religiosos reagirão a essa verdade?

DR. JCB: Como sempre: com contrariedade. E vai demorar muito para a verdade se estabelecer, mas isso vai acontecer, da mesma maneira que hoje sabemos, pela astronomia, que a Terra não é plana. Tenho esperança de que o grosso das fantasias psicanalíticas se encaixem na ciência. Ou a psicanálise se torna uma ciência, ou sai do campo do conhecimento.

AM: Doutor José Cândido, agradeço muito a visita e a oportunidade desse diálogo.

DR. JCB: Estou às ordens. É muito satisfatório transmitir algo do que a gente aprendeu.